

## SIMPÓSIO AT209

### O IMPERATIVO PELO VIÉS DOS ATOS DE FALA

SOUZA, Luciere Luiza  
PUC-Rio  
lucierelds@hotmail.com

#### Resumo

Algumas gramáticas tradicionais de PLM (Português Língua Materna) como a *Moderna Gramática Portuguesa* de Bechara, e de PL2E (Português como Segunda Língua para Estrangeiros) *Modern Portuguese: A Reference Grammar*, de Perini, apresentam as noções de ordem e pedidos de forma limitada, pouco explorada. Algumas apontam somente a alternância entre as formas do imperativo *tu* e *você* para demonstrar as diferenças entre o registro formal e o coloquial. Há uma simplificação do assunto, resumindo-o, na maioria das vezes, à questão de uso do imperativo ou de outras formas verbais empregadas para exprimir os valores de ordem e pedido. Apresentar os valores das formas verbais de maneira simplificada implica o surgimento de um grave problema a ser analisado no processo de ensino/aprendizagem de uma língua. Tal fato ocorre porque despreza-se a complexidade das funções discursivas dessas formas. O objetivo desse trabalho é mostrar as possibilidades de expressar as diversas nuances que esse modo verbal apresenta tendo como base os atos de fala.

**Palavras-chave:** Imperativo; Atos de Fala; Português como Segunda Língua

#### Abstract

Some traditional PLM (Portuguese mother tongue) grammars, such as the *Moderna Gramática Portuguesa* de Bechara, and PL2E (Portuguese as a Second Language for Foreigners), such as *Modern Portuguese: A Reference Grammar*, by Perini, present the notions of order and requests in a limited way, superficially explored. Some point out only the alternation between the forms of the imperative *tu* and *você* to demonstrate the differences between formal and colloquial uses. There is a simplification of the subject, reducing it, in most

cases, to the question of use of the imperative or other verbal forms used to express the values of order and request. Presenting the values of verbal forms in a simplified way entails a serious problem to be analyzed in the process of teaching/learning a language. This occurs because the complexity of the discursive functions of these forms is neglected. The purpose of this work is to show the possibilities of expressing the different nuances that this verbal mode presents based on speech acts.

**Keywords:** Imperative; Speech Acts; Portuguese as a Second Language

## Introdução

Segundo algumas gramáticas tradicionais de PLM (Português Língua Materna) como por exemplo, a *Moderna Gramática Portuguesa* de Bechara, e de PL2E (Português como Segunda Língua para Estrangeiros) *Modern Portuguese: A Reference Grammar*, de Perini, pode-se observar que as noções de ordem e pedidos são pouco exploradas. Algumas apontam somente a alternância entre as formas do imperativo *tu* e *você* para demonstrar as diferenças entre o registro formal e o coloquial.

Há uma simplificação do assunto, resumindo-o na maioria das vezes à questão de uso do imperativo ou de outras formas verbais empregadas para exprimir os valores de ordem e pedido. Apresentar os valores das formas verbais de maneira simplificada implica o surgimento de um grave problema a ser analisado no processo de ensino-aprendizagem de uma língua. Tal fato ocorre porque despreza-se a complexidade das funções discursivas dessas formas.

O objetivo desse trabalho é mostrar as possibilidades de expressar as diversas nuances que esse modo verbal apresenta tendo como base os Atos de Fala, a Sociolinguística Interacional, e o Interculturalismo.

Dentre os vários recursos eficazes para se solicitar ou ordenar algo, se encontram os fenômenos da modalidade e a modalização.

Pinto (1984) cita dois tipos de modalização: a da enunciação, que é o nome dado às operações enunciativas que visam a atender ao objetivo comunicacional, e a do enunciado, que é o valor que o emissor atribui ao

estado de coisas que descreve ou alude em seus enunciados e/ou aos participantes desse estado de coisas.

Os tipos de modalidade diretiva distribuem-se numa hierarquia em que, conforme o poder de imposição detido ou pretendido pelo emissor decresce, a vontade do receptor aumenta, indo da expressão da ordem aos requerimentos e pedidos, à sugestão, ao conselho, aos pedidos de informação e à interpelação, pura e simples. Dentre os vários tipos de dispositivos de modalização indicados pelo autor, só nos interessa falar aqui sobre a diretiva e a deôntica (op. cit. 81-126) conforme os exemplos a seguir.

- 1) *Você pode não gastar o dinheiro todo hoje. (= Gaste se quiser.)*
- 2) *Você não pode gastar o dinheiro todo hoje. (= Não gaste todo o dinheiro hoje.)*

Em 1, temos um enunciado que expressa uma não obrigatoriedade de realização do ato; é facultativo. Em 2, o enunciado apresenta uma modalidade de obrigação. A simples mudança de lugar do item lexical *não* no sintagma é a responsável pela diferença de significado.

Para o aprendiz de português LM, essa mudança de sentido é percebida facilmente. Já um aprendiz de PL2E poderá, dependendo do seu nível de conhecimento, ter dificuldades para perceber que existem nestes exemplos diferentes maneiras de se usar o modo imperativo (facultativo e obrigatório) e que essa sutileza da língua pode ser feita com uma simples mudança de colocação de um item lexical.

## 1. Fundamentação teórica

### 1.2. Interculturalismo

O ensino de Português para estrangeiros tem mostrado em larga medida que para haver entendimento entre os povos deve-se conhecer e respeitar a diferença entre culturas estrangeiras. Segundo Hall (1988) “cultura é

comunicação”. Para ele, cultura é um sistema de criar, enviar, emitir, armazenar e processar informações. O estudo do interculturalismo traz informações valiosas e fundamentais para o professor que atua no ensino de PL2E, propiciando um melhor entendimento dos alunos de nacionalidades diversas.

Somente a partir de uma abordagem interculturalista será possível contribuir de forma efetiva para o ensino eficaz de PL2E (MEYER, 2013). A partir do momento em que o aprendente toma consciência de que não existe uma cultura melhor, superior, choques e conflitos culturais são evitados.

### **1.3. Sociolinguística Interacional**

Para facilitar o entendimento de como os falantes se fazem entender e entendem uns aos outros em uma situação interacional, face a face, assim como as estratégias de recuperação de face utilizadas (ou não) por eles em determinadas situações, recorre-se à sociolinguística interacional.

É fundamental considerar os cenários em que essas interações ocorrem, bem como seus interlocutores, seus gestos e a postura daqueles participantes que são somente expectadores, ou seja, toda a situação social engendrada na comunicação face a face (GOFFMAN, 1972).

A situação social referida acima é descrita por Goffman como aquela em que dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro, e dura até que a penúltima pessoa tenha se retirado.

Dentro dos encontros interacionais face a face é relevante falar do conceito de face. Para Goffman (1967, p. 76-77) o termo face consiste no valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma. Podemos dizer que é um tipo de verniz social, um comportamento adequado para uma convivência civilizada em sociedade.

#### 1.4. Teorias dos atos de fala

O conceito de atos de fala foi formulado inicialmente pelo filósofo britânico J. L. Austin (1962) e posteriormente reformulado por John Searle (1979). Austin inicialmente vê a possibilidade de uma sistematização da linguagem desde que ela seja analisada enquanto ação. Segundo esses filósofos, os enunciados produzidos pelos falantes podem ser divididos em dois grupos: os que servem para retratar alguma coisa do mundo - seja esse mundo real ou fictício -, não importando se o que se afirma sobre esse mundo é falso ou verdadeiro; proposições; e os enunciados que não têm esse cunho de representação e que não são falsos nem verdadeiros, que são caracterizados como performativos, como formas de realizações de ações.

Austin e Searle mostram que há determinados tipos de ações que são realizadas pela fala: cumprimentar, despedir-se, prometer, pedir, mandar, desculpar-se, entre muitas outras. Os autores ainda introduzem a distinção de três tipos de atos que cada elocução realiza: um ato locucionário (referente à atividade comunicativa); um ato ilocucionário (referente às intenções do falante) e um perlocucionário (referente ao efeito que consegue sobre o ouvinte).

#### 2. Conceito de alguns estudiosos a respeito do modo imperativo

Para Said Ali (2001) este modo tem função essencial de manifestar ordem, convite, conselho, pedido, súplica, manifestações de vontade ou desejo acompanhadas do seu cumprimento por parte do indivíduo a que nos dirigimos.

Afirma ainda que outras formas verbais podem desenvolver a mesma função, porém, com função secundária. Como função essencial de ordem trata o imperativo como categórico por se tratar de uma ordem que exige cumprimento, como por exemplo o trecho a seguir:

*Toma a Isaac, teu filho a quem amas, e vai à terra da Visão (Gên. 22,2) – Sai da arca tu e tua mulher, teus filhos e as mulheres de teus filhos contigo. Faze também sair todos os animais (ib. 8, 16-17).*

Casteleiro (2014) corrobora do mesmo pensamento de Said Ali declarando ser difícil distinguir a ordem das outras manifestações da vontade e acrescentando que somente a situação e o contexto poderão ajudar a distingui-las das expressões semelhantes. Portanto, não considera o imperativo formal como o modo verbal mais empregado na expressão da ordem e outras manifestações.

Faria (1958) também reitera a opinião dos autores acima acrescentando que o imperativo presente é o de emprego geral, sendo principalmente usado quando diz respeito a uma ordem ou pedido de execução imediata. Muitas vezes vem acompanhado de expressões reforçativas como “por favor”, “se te apraz, com tua licença”, “suplico, peço”, etc. Afirma ainda que o imperativo só pode referir-se ao futuro, que poderá ser remoto ou próximo e quase que unicamente empregado quando se trata de uma ação que deverá ser cumprida depois de certo intervalo, sendo de uso obrigatório exclusivamente nos textos de lei.

### **3. Como as gramáticas tradicionais de PLM e PL2-E apresentam o modo imperativo**

Nas gramáticas analisadas de PLM, Bechara (2000) relata que o modo imperativo pode ser substituído pelo infinitivo nas ordens instantes e que usamos o imperativo do verbo querer (ao lado do subjuntivo presente) seguido de infinitivo para amenizar uma ordem. Já para exprimir um desejo com suavidade ou com um simples propósito, utilizamos o tempo verbal do pretérito imperfeito. O autor comenta que podemos expressar uma ordem ou recomendação usando o futuro do presente em lugar do imperativo, principalmente nas prescrições e recomendações morais. Bechara (2000) afirma ainda que são várias as situações que podem levar o falante ou escritor a procurar novos modos expressivos. O próprio autor reconhece que esse é um tema complexo que possui casos que vão de encontro aos princípios

estabelecidos nos livros, são questões que fogem do âmbito da Gramática para se constituírem como preocupações da Estilística.

Cunha e Cintra (2013) afirmam que, embora a palavra imperativa esteja relacionada pela sua origem a uma ação de comando, na maioria das vezes, não é para ordem ou comando que utilizamos esse modo. Também compartilham do pensamento dos autores supracitados em relação aos valores expressos pelo imperativo. Os autores afirmam que o efeito desse modo verbal “está sempre condicionado ao tom de voz, que é, nas formas afetivas da linguagem, um elemento essencial”, e que devemos destacar, quando a intenção é a de enfraquecer ou amenizar o mando, “o emprego de fórmulas de polidez ou de civilidade tais como: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de*, etc. (op. cit., 495, 496). Os autores ainda afirmam que, por dever social e moral, normalmente procuramos não soar grosseiros para com nosso interlocutor com a rudeza de uma ordem. O exemplo a seguir ilustra bem:

*“Tenha a bondade de sentar e esperar um minutinho.” = Senta e espera um pouquinho.*

Eles ratificam a importância da questão da entonação porque a frase acima citada pode se tornar rude, seca ou mesmo insolente com a simples mudança de entonação, apesar da fórmula de cortesia empregada.

### 3.2. O imperativo no ensino de Português como PL2E

Prista (1966) refere-se ao modo verbal como imperativo ou expressão da ordem. Relata que os pronomes *tu, o senhor, (a senhora), você, vós*, são utilizados para expressar gentileza na solicitação feita. Na suavização da ordem, as expressões *por favor* e *faça o favor* são indicadas e quando o caso for retirar por completo o teor da ordem, entram em cena as expressões *faça favor de* ou *queira + infinitivo*. Se a ideia é amenizar ainda mais, pode-se acrescentar ao *queira* o *por favor*. Ainda segundo o autor, a maneira mais

comum e conveniente de expressar ordem na 1ª pessoa do plural é utilizar a expressão *vamos* + infinitivo.

Segundo Perini (2002) o uso do imperativo é simples e semelhante ao da língua inglesa, sendo empregado para expressar ordens, pedidos e conselhos. Diz ainda que a forma do imperativo na língua escrita corresponde ao presente do subjuntivo, enquanto na língua oral há uma variação na terminação do verbo, que é condicionada pelo grau de formalidade da situação.

Hutchinson & Lloyd (1996) apresentam o imperativo como o modo da expressão da ordem, descrevem o imperativo formal com as seguintes expressões: *desejo/desejamos que; quero/queremos que; não o aconselho a; atenção; cuidado; perigo; é proibido; etc.* As autoras deveriam ter colocado todas as expressões relativas a ordens e pedidos dentro do capítulo que apresenta o imperativo, mas preferiram colocá-las no capítulo “Funções da Linguagem”, como se o capítulo que versa sobre o modo imperativo também não estivesse a serviço das funções da linguagem.

Ponce (2014) diz que o imperativo é usado para dar uma ordem, fazer um pedido, uma solicitação, ou para dar uma sugestão. Apresenta o modo formal e informal do imperativo da seguinte forma:

*Entre e sente-se por favor. (formal) → Entra e sinta. (informal/linguagem oral)*

Podemos observar que tanto as gramáticas de PLM – apesar da percepção de não se tratar simplesmente de uma ação de comando e da consciência das várias questões dessa ação que vão além do âmbito da Gramática – quanto as de PL2E analisadas não tratam da complexidade e da diversidade das construções dos atos de pedir e mandar em situações reais de uso.

Em nossas interações diárias não utilizamos o modo imperativo como as gramáticas analisadas apresentam o modo verbal. Quando ensinamos nossos alunos estrangeiros a pedirem alguma coisa, nós dizemos que o carioca não



lida muito bem/não gosta do teor de “ordem”, e que uma das maneiras de ter sua solicitação atendida é usando o pretérito imperfeito, por exemplo.

Uma boa maneira de se trabalhar o imperativo com alunos estrangeiros seria aproveitando o cenário e o contexto em que esses aprendizes estão inseridos. Como por exemplo na Lapa – em um barzinho – *“eu queria uma cervejinha geladinha, por favor!”*; *“Boa tarde, eu gostaria de ver o sapato da vitrine”* – num shopping – ou ainda em *“Eu queria dois quilos de alcatra!”* – num açougue – todas essas ocasiões são situações reais de uso desses alunos.

Outro ponto interessante a ser ressaltado é o fato de que todas as outras expressões relacionadas ao imperativo formal são apresentadas no item verbo e não no item relacionado ao modo imperativo, tanto nas gramáticas de PLM como nas de PL2E. Provavelmente esse tipo de situação ocorra por não terem pensado ainda num meio de apresentar a funcionalidade dos empregos desse modo verbal.

## Conclusão

Ensinar as diversas formas de expressão do imperativo ao aluno estrangeiro irá auxiliá-lo na interação com as pessoas do país em que se encontra fazendo com que se sinta seguro ao ter que pedir uma informação na rua, chamar um táxi, falar ao telefone ou marcar um encontro com um amigo ou namorado. Um professor preparado é capaz de apresentar os vários recursos que o usuário da língua utilizará nas diversas situações para se fazer compreender e para que o comportamento solicitado seja realizado adequadamente.

É necessário que o aprendiz estrangeiro entenda de forma eficaz o modo imperativo e que as noções de ordens que utilizamos em nosso cotidiano estão baseadas nas interações face a face.

## REFERÊNCIAS

- ALI, M. S. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 8 ed. revisada e atualizada. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Editora UNB, 2001.
- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artmed, 1990.
- CASTELEIRO, J.M. *A arte de mandar em português: estudo sintático-estilístico baseado em autores portugueses e brasileiros*. I ed – Rio de Janeiro: Lexicon, 2014.
- CUNHA, C. CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2013.
- FARIA, E. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2013, pp.13-20.
- HALL, E.T. *The power of hidden differences*. In: BENNETT, M. J. (Ed.). *Basic concepts of intercultural communication – selected readings*. Yarmouth: Intercultural Press, p. 53-67, 1988.
- HUTCHINSON, A. P.; LLOYD, J. (1996). *Portuguese: An essential grammar*. London and New York: Routledge.
- MEYER, R. M. de B. *Português para estrangeiros: questões interculturais*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2013.
- PERINI, M. A. *Modern Portuguese, a Reference Grammar*. USA. Yale University Press, 2002
- PONCE, M. H. O. de. *Como está o seu português?* HUB editorial. São Paulo, 2014.
- PRISTA, A. da R. *Essential Portuguese Grammar*. New York: Dover, 1966
- SEARLE, J. R. *Expression and meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.